

Redacção e administração
R. de S. Martinho

Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 252

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

O FRANQUISMO EM AVEIRO

Chega hoje o sr. João Franco á patria de José Estevão. Acompanha-o um filho de José Estevão. E—referem os periodicos—tomará a palavra, no jantar oferecido ao sr. João Franco pelos seus amigos d'esta terra, ou em qualquer coisa realisada em sua honra, um filho de José Estevão.

Vê-se que ha o intuito manifesto de fazer entrar, n'esta cidade, o dictador do Aleaide á sombra do prestigio do nome do grande orador da liberdade.

Ora contra essa infamia protestamos vivamente.

José Estevão é a condemnação flagrante do dictador do Aleaide, e de todos os seus partidarios em Aveiro. José Estevão repudia, da immortalidade, a mesquinhez do seu proprio filho.

Sim, do seu proprio filho!

«Confessar um principio é nada, é preciso defini-lo para lhe não cercar a importancia, e submeter-nos ás suas consequencias para não parar em uma theoria esteril. Ora definir o principio da soberania popular, é reconhecer que o povo é o unico senhor de todos os poderes politicos, de todas as facultades governativas; e sujeitar-se ás suas consequencias é reconhecer que elle pôde delegar o exercicio d'estes poderes como quizer e a quem quizer.»

Estas palavras, proferidas na camara dos deputados em 5 de abril de 1837, o primeiro discurso pronunciado pelo grande tribuno, são hoje consideradas uma verdadeira heresia pelo sr. João Franco, o homem do engrandecimento real, pelo sr. Jayme de Magalhães Lima, chefe dos francaceos em Aveiro, o homem que escreveu na *Epocha* que todas as revoluções eram **mais de que estereis, eram prejudiciaes**, repudiando assim a gloriosa revolução franceza, que proclamou os direitos do homem, e a revolução liberal portugueza que nos livrou da força, e ainda consideradas uma heresia pelo proprio filho do grande tribuno, o sr. Luiz de Magalhães, que na estação de Campanhã, em fevereiro de 1901, chamou **especulador** ao seu proprio pae, dizendo, em resposta a uma commissão que implorava o seu auxilio contra a reacção clerical, que se José Estevão combatera n'outros tempos os jesuitas fóra só para certos fins politicos.

Mudou, ao menos, José Estevão com o tempo? De modo algum.

Dois annos depois, em 29 de abril de 1839, exclamava o orador:

«Sr. presidente, eu sou homem de principios; reputo em muito valor este meu brazão; n'elle se cifra todo o meu orgulho; para os homens de principios ha uma grande vantagem: n'elles a ambição não é um vicio, mas um pensamento; não é um frenesi pessoal, mas é desejo sensato de os vêr triumphar.»

João Franco não é homem de principios: é homem de cacete. Em nome do

seu cacete formou partido e em volta do seu cacete se agrupam os partidarios.

«O que são pela maior parte os ministros em Portugal? Uns homens que veem aquellas cadeiras para desacreditar as leis, de que não gostam, e pedirem outras, que lhes façam conta.»
(Discurso de 6 de fevereiro de 1840).

Tal e qual João Franco. Fez uma lei eleitoral para impedir que fossem á camara os republicanos. Barafusta agora contra a lei feita por Hintze Ribeiro contra elle.

Agora tudo quanto elle promete é bom. Em indo ao poder fará sómente o que lhe convier.

«A soberania reside na nação; este principio é eterno e immutavel, é uma verdade fundamental de toda a sociedade; principio alcançado nas batalhas e nas victorias. A soberania popular não é um principio de circumstancias d'este ou d'aquelle partido; não é principio de partidos, é principio de todos; a soberania popular estabeleceu-se nas batalhas da Asseiceira e Almoester; a soberania popular pertence á nação por um facto, pertence á revolução por um direito. A soberania popular é um dogma.

Eu sou partidario do voto universal; o voto universal é um grande principio, é uma grande esperanza, é a base de todo o futuro europeu, base em que vão parar todas as constituições, senão pelo seu estado politico, ao menos pelo seu estado economico; é impossivel recuar da tendencia que levam esses principios, pela conexão entre o estado economico da Europa e o seu estado politico.»
(Discurso de 25 de junho de 1840).

Em opposição a isto, Jayme de Magalhães Lima, o chefe dos francaceos, escrevia no n.º 15 da *Epocha*:

«Não ouvimos a cada instante senão falar pomposamente nos direitos do povo, nas suas regalias desprezadas, nas suas prerogativas esquecidas, n'aquillo que elle pôde exigir com arrogancia do progresso, levantando-se de salto d'entre a abjecção em que se encontra, como se ergue um tigre no meio dos juncaes. A respeito de deveres é que ninguém lhe diz nada... Ensinae aos ilotas e aos párias a resignação, do mesmo modo que aos entreados e aos rachiticos se lhes receita paciencia. **Aclima de todas as contendas partidarias é preciso acorrentar a canalha e os vadlos pela persuasão.**»

Esta é a opinião de Jayme Lima, esta é a opinião de Luiz de Magalhães, amigos pessoas e politicos, pensando e falando ambos pela mesma cabeça e pela mesma bocca, de Luiz de Magalhães, que, para eehonestar o seu procedimento, não hesita em affirmar que seu pae só affirmava aquellas doutrinas **para certos fins politicos.**

«A resistencia armada é em certas occasiões, não digo um direito, mas uma obrigação.

Se eu fosse chefe de uma conspi-

ração, se eu entendesse que os meus deveres de honra, que as necessidades do meu paiz, exigiam que eu renunciasse a minha procuração para tomar uma arma, que eu largasse esta cadeira para ir para o campo, os meus adversarios, os chefes do poder, os srs. ministros que combatessem essa conspiração, haviam de certo vêr-me no meio dos conspiradores, e a victoria não lhes seria tão facil como a de hontem, porque desgraçadamente tinha de ser mais sanguinolenta! (Senação)

(Discurso de 12 de agosto de 1840)

Eram as palavras de José Estevão. As palavras dos dois irmãos siamezes—Jayme Lima e Luiz de Magalhães—eram estas, no n.º 8 da *Epocha*, de 26 de março de 1885:

«As revoluções teem sido mais um symptoma de desordem e anarchia do que um remedio aos soffrimentos da sociedade. As revoluções não são portanto só estereis; são o mais das vezes prejudiciaes.»

E no parlamento, sessão da camara dos deputados de 1 de fevereiro de 1896:

«A coisa mais inadiavel que um governo liberal tem a tratar é fazer manter e garantir a ordem e não conhecer senão duas maneiras de a garantir e manter: ou a persuasão, para os espiritos superiores, para as almas superiormente illuminadas, ou a **coacção** (isto é a dictadura, violencia, pancada) para aquelles em quem a miseria atrophica o sentimento moral ou resvalaram na preversão moral.»

Para os dois irmãos siamezes, ricos, endinheirados, burguezes cheios de egoismo e de commodidades, a miseria só tem um remedio: a **coacção**. E ninguém tem a energia que tem João Franco para a applicar.

A canalha, os ilotas, os párias, teem fome?

Ou resignação ou pancada.

Eis o que, em synthese, é o partido de João Franco.

Eis porque os irmãos siamezes são francaceos.

«O governo de um só homem é o governo mais perigoso de todos os governos; é verdade antiga, mas não é mau repeti-la. A liberdade de imprensa e da tribuna não são feitas para desafogar paixões e contentar ambiciosos: são instituições indispensaveis para oppôr vontade a vontade, parecer a parecer, opinião a opinião, e tirar d'estas opposições as maximas e expedientes de razão, de justiça e de moralidade, com que só se governam os povos.»
(Discurso de 14 de dezembro de 1857)

João Franco creou a corregedoria, supprimiu a liberdade de imprensa, a liberdade de tribuna, a liberdade de reunião e de associação, a liberdade de suffragio, e os irmãos siamezes, pela bocca de Jayme, que o mesmo é que ser pela bocca de Luiz, exclamavam na sessão da

camara dos deputados, de 1 de fevereiro de 1896:

«Os actos que hoje somos chamados a julgar (a dictadura de João Franco) são para mim de tal gravidade e importancia, e constituem uma **revolução politica tão grande e profunda como aquellas que no nosso paiz se fizeram com as armas na mão.**

Applaudo a dictadura e louvo o governo pela maneira porque a fez. Louvo o governo pela firmeza que soube mostrar executando a dictadura...

Applaudo o governo pela firmeza com que fez executar a dictadura e pela tolerancia que revelou. Permittame v. ex.ª, sr. presidente, que eu ainda insista n'este ponto...

Mas, proseguindo, applaudo o governo (que chato!) pela tolerancia que revelou; e dizendo applaudo o governo, não sei se digo bem o que sinto; em verdade n'esse ponto **a tolerancia do governo foi quasi até á fraqueza.**»

Isto é espantoso!

Mas continuemos demonstrando a opposição de idéas, de sentimentos, de opiniões, entre José Estevão e aquelles que, de braço dado com o sr. Luiz de Magalhães, teem a pretensão insolente de representar em Aveiro a politica do grande tribuno.

«E' mr. Lamartine, esse poeta que carpiu todas as miserias da humanidade, que exaltou todas as suas glorias, que excitou todos os seus melhores instinctos, que levantou a coragem dos povos, que acalmou as suas demasias, esse homem cuja composição moral e intellectual é no meu sentimento como o simulacro da futura politica e dos futuros governos na Europa; esse homem que depois de tantos serviços e de tantas lides, só pede que o deixem ter sepultura honrada na terra em que teve o berço. Onde estamos nós? Onde está a França (1) que nós conheciamos? Choremos todos por ella, porque o nosso pranto é pela civilização.»
(Discurso de 14 de dezembro de 1852)

«Garibaldi é um dos primeiros caracteres do seu tempo. E' homem de grande abnegação. E' homem que não é de si. E' um homem que se despreza, que se não vê. E' um homem que tem uma illusão supersticiosa, persuade-se que não existe, persuade-se que elle é a Italia, que é a sua patria. Só assim é que se é grande. Elle representa um elemento indispensavel de revolução, elemento insoffrido, inquieto, exagerado, perigoso. Representa o elemento popular e o elemento revolucionario.»
(Discurso de 20 de maio de 1862)

Assim pensava o tribuno dos grandes caudillos da democracia.

Os irmãos siamezes aproveitaram-se da morte de Victor Hugo, para perfilharem, no n.º 19 da *Epocha*, baboseiras como estas:

«Victor Hugo ignora soberbamente tudo que não previu. O seu orgulho é sempre misturado de chumbo,

(1) Refere-se á França do segundo imperio.

as suas intenções de puerilidades, a sua razão de loucura. Não pôde despojar-se do charlatão que está dentro d'elle.»

José Estevão foi coerente desde o primeiro até ao ultimo dia da sua vida publica. Sempre o mesmo defensor ardente dos principios democraticos. Ainda poucos mezes antes da morte, no ultimo discurso que proferiu na camara, n'esse mesmo discurso em que exaltava Garibaldi, elle dizia:

«Privilegio a quem? Privilegio na tribuna? Nunca o tive nem o procurarei ter. Privilegio na privança? Nunca a solicitei nem pedirei. Privilegio na consideração dos meus parceiros politicos? Nunca a disputei. Privilegio em que? N'um só ponto—em defender a minha opinião e a minha boa tenção, pedindo a todos que me acreditem, e quando me não acreditem me demonstrem que ando errado.

Privilegio para as prerogativas da corôa? Estão esfadadas as prerogativas da corôa com as minhas pretensões, com as minhas solicitações, com as minhas ambições: não as incommodel senão para me perdoar o mal necessário que eu tinha feito á minha terra. Comando armas para defender as liberdades publicas, ameaçadas e ultrajadas; ameaçadas umas e ultrajadas outras; que governos estonteados de reacção em reacção, de oppressão em oppressão, fizeram passar esta terra e a corôa d'este paiz por duas ignominias: a corôa por uma ignominia—a da invasão de forças estrangeiras! Privilegio nem para mim, nem para ninguém: para mim nunca.

Dever para as liberdades publicas: dever para a constituição, dever para a boa e paternal regencia d'estes povos, dever para a manutenção do governo constitucional no seu espirito e na sua letra e dever para mais nada. Privilegio nem para mim, nem para ninguém; nem para a acção, nem para o silencio, nem para a nudez, nem para a inercia, nem para a palavra, nem tão pouco para as ambições caprichosas, ora fastientas, ora soffregas, que querem fazer a seu capricho uma lei para o chefe do estado.

O governo pessoal é um mal, um grande mal, e o abuso do rei é um grande abuso.»

Taes foram as ultimas palavras do maior orador d'este paiz, d'aquelle que, como tribuno, ninguém excedeu no mundo no século desenove.

Acabou como começou.

E' assim que Aveiro o deve comprehender e o deve glorificar. Essa foi sempre a nossa opinião. Em artigo de 28 de julho de 1889 diziamos aqui:

«José Estevão Coelho de Magalhães é uma das grandes figuras da patria. O seu vulto gigante sobreleva os pequenos limites da terra que lhe deu o berço. A gloria nossa, dos seus conterraneos, dos seus irmãos em origem e raça está no valente soldado da serra do Pilar, que na *Flecha dos Mortos* assignalou a mais famosa bravura e a mais imponente coragem de um homem. Está no *setembrista* e no *patuleia* impenitente, que em todas as revoluções e luctas populares affirmou continuamente a indignação de um espirito generoso e livre contra as oppressões e as fraudes d'uma monarchia que renegava e repelia sem

pejo as aspirações democraticas com que a tinham erguido os bacamarites d'um povo cavalheiro e nobre. Está no patriota do *Porto Pireu* e do *Charles et George*, que em torrentes de eloquencia vingava a nação affrontada das expoliações e insultos dos negociantes britannicos e dos negreiros napoleonicos. Está no ardente democrata da *Suspensão das Garantias* e das *Exequias do Conde Cavour*. Está, enfim, no anti-clerical, no grão mestre da mçonaria portugueza, no auctor dos famosos discursos contra as *Irmãs da Caridade*.

O homem, que de tal forma attestava uma tão funda abnegação, um tão firme desprendimento, uma fé tão viva na democracia, uma dedicação tão rara á causa do povo, junto com um talento extraordinario, era um aveirense. Isto é, não attestava simplesmente as suas qualidades pessoais, porque, assim como scientificamente as arvôres de melhores qualidades dão melhores fructos, assim scientificamente são as raças fortes que produzem os homens fortes. José Estevão era o prototypo da sua raça e da sua terra.

Eis a nossa gloria, eis a honra que nos cabe!

A nossa gloria é José Estevão soldado, tribuno, jornalista, advogado e professor. E' José Estevão combatendo pela liberdade, defendendo a causa do povo, advogando a civilização e o progresso, aplanando-nos, com uma heroica dedicação, com uma abnegação exemplarissima, com uma rara tenacidade e firmeza, a estrada em que vamos marchando para melhores conquistas e melhores ideias.»

Sob este ponto de vista quizemos nós sempre encerrar José Estevão, desde 1882, anno em que se fundou este jornal. E quizemos sempre que sob esse ponto de vista os aveirenses o admirassem, o glorificassem, o amassem. Por isso mesmo vimos sempre, tambem, com profunda antipathia, os esforços empregados em contrario por Jayme Lima e Luiz de Magalhães.

Quando Luiz de Magalhães, orando no sarau realisado no theatro em honra de seu pae, se dirigia ás venerandas reliquias da geração a que José Estevão pertencera, dizendo-lhes que dessem uma *lição tremenda aos filhos degenerados que teem agravado os vicios do Passado sem lhe imitar as virtudes*, escreviamos nós no *Povo de Aveiro*, de 25 de agosto de 1889:

«A lição dêram-n'a elles. Mas... aos filhos degenerados não aproveitou a lição dos paes. Até quando as irmãs da caridade entraram em Aveiro para affrontar a memoria de José Estevão, os *filhos degenerados* não só não vieram aos comicios repellir essa grandissima affronta, como se zangaram, ainda por cima, quando o *Povo de Aveiro* escreveu que *elles viriam*. Sim, que viriam aqui cumprir o duplo dever de cidadãos e de filhos!

Se o sr. Luiz de Magalhães tivesse vindo, se soubesse os sacrificios enormes que se fizeram para que a memoria de seu pae ficasse honrada e respeitada até ao fim, se soffresse as calumnias e as perseguições d'um bando de quadrilheiros, que se dizem progressistas como s. ex.^a, (então o sr. Luiz de Magalhães era progressista, porque tem sido tudo, como o irmão siamez, excepto, como este, amigo sincero da liberdade e do povo) se, não tendo cinco réis de fortuna, gastasse

os centos de mil réis que os aveirenses pobres gastaram n'essa grande campanha, s. ex.^a não teria sem duvida um vivo reflexo das luctas dos nossos velhos paes, mas, emfim, sempre ficaria fazendo d'ellas melhor e mais completa idéa do que dizendo mal da monarchia ou dos homens que a servem e sendo ao mesmo tempo monarchico, collaborador e amigo d'esses homens.»

Na mesma occasião, Jayme Lima, discursando no cemiterio, exclamava que não era o soldado, o orador, o luctador que elle admirava, mas o homem de bondade. «Foi soldado, foi orador, luctou, padeceu e venceu. Que importa?! Ephemerias vaidades que o tempo leva!»

A isto respondiamos, no mesmo *Povo de Aveiro* de 25 d'agosto de 1889:

«O discurso define o sr. Lima, e o sr. Lima define o discurso. Um vale o outro.

Como typos de bondade temos o Lucio, o Julião e o Silverinho das Flautas.»

Emfim, está ainda na memoria de todos o artigo, transcripto em varios diarios liberaes do paiz, aqui publicado em 3 de março de 1901, contra Luiz de Magalhães, quando este aristocratico senhor se indignava contra aquelles que lhe lembravam os discursos de seu pae contra as irmãs da caridade, declarando que este só os pronunciara *para certos fins politicos*.

Sempre nos repugnou a conducta d'esse cavalheiro, e de todos aquelles que, dizendo admirar e amar José Estevão, praticam todos os actos que o grande tribuno condemnou. Foi sempre com indignação, e nojo ao mesmo tempo, que vimos exaltar José Estevão como mero objecto de luxo, como pergaminho, como titulo á aristocracia, á vaidade, ao orgulho de uma terra ou de uma familia.

Para nós são indignos e vis todos os aveirenses que engrandecem e proclamem o nome de José Estevão por simples vangloria. Vis, indignos, miseraveis sem pudor! A esse attentado sacrilego sentimos estremecer no tumulo as ciuzas do grande homem.

Amar um homem publico, é seguir-lhe o exemplo, é adoptar-lhe os principios, é venerar-lhe o pensamento. Ou pratica-se uma hypocrisia infame.

Não podiamos, pois, deixar de receber com a mais legitima indignação a noticia de que João Franco ia entrar n'esta terra com todas as apparencias de continuador da obra do grande orador. E se a decadencia da nossa patria não fosse grande, todos os aveirenses que amam a verdade, que amam a justiça, que amam a liberdade, que prezam as suas tradições e as suas glorias, se sentiriam possuidos d'igual indignação, e, arrastados por ella, teriam força para gritar *amanhã, á passagem do cortejo, onde veem todos aquelles que são o desmentido formal ás doutrinas de José Estevão, que são o attentado vivo aos principios que elle proclamou:*

Abaixo os dictadores. Abaixo a reacção.

Reaccionarios ferozes! Reaccionarios torpes!

E' lér o que ali fica.

Como pôde Aveiro tolerar como chefe politico, e chefe influente, ao que descaradamente se apregoa, esse homem, de nome Jayme Lima, que affirmou, na imprensa e na tribuna, grosseiramente, sem valor litterario demais a mais, como o ultimo dos escrevinhadores, como um prégado de entrudo, as baboseiras, os dislates, em todo o caso ultrajantes e insolentes, que ali ficam exarados?

Como pôde Aveiro tolerar que Luiz de Magalhães, que professa, ninguém o ignora, todas as opiniões de Jayme Lima, Luiz de Magalhães, que não hesita em apontar seu pae como *mystificador*, para não usarmos d'outro nome que sendo mais adquado á verdade seria mais cruel, como pôde Aveiro tolerar que esse homem venha aqui, com o unico titulo de *filho de José Estevão*, apadrinhar o *dictador*, aquelle que *só se distinguu, que só se impoz, que só formou partido*, como *caceteiro*, como *assardino* das já tão minguidas, tão restrictas, tão enfraquecidas liberdades portuguezas?

Foi o brigão sem escrúpulos no espesinhamento dos ultimos restos das franquias populares. Foi o mais atrevido, o mais audacioso em as calcar aos pés. Eis o que impoz João Franco! Eis o que lhe deu nome! Eis o ponto de atracção para todos os *salvadores* que se agglomeram em volta do seu nome! De tal forma que até quando João Franco, por um d'aquelles *trucs* de policia, que adquiriu na privança da corregedoria, grita: *Abaixo o franquismo*, elles respondem: *Viva o Franquismo*.

Depois de João Franco ter dicto, no Porto, que era necessario que os homens desaparecessem, José Novaes respondia: «De que nós precisamos é de homens. E aqui está um!»

Homens, dictadores, caceteiros, mãos de redea!

Como consentiu o Porto, como consente Aveiro, como consente o paiz todo essa ignominia? Não sabemos.

Verdadeira ignominia. Demonstra-o, eloquentemente, este trecho local do franquismo, que deixamos ali exposto.

Esse Jayme de Magalhães Lima, esse Luiz de Magalhães, são como que um relampago a illuminar o novo partido.

Juntando-lhe umas figuras de estrebria, com nomes de guerra, *Tinroso, Chiça, Bicheza, Mijareta*, e tal, temos em scena toda a *regeneração portugueza*, que tem sido sempre a mesma, desde o *D. Miguel chegou á barra* até ao *João Franco chegou ao Porto*.

Caceteiros, cocheiros, toureiros. Cocheiros até quando se dizem estadistas e litteratos.

Com raras e fugazes intervallos de brio e altivez.

Jornaes

Recebemos *O Povo de Guimarães*, semanario democratico e social que se começou a publicar em Guimarães. Apresenta-se muito bem redigido. Desejamos-lhe longa vida e vamos retribuir a sua visita.

O Pregoeiro. — Tambem recebemos este jornal de Setúbal, folha de annuncios, de distribuição gratuita. Estabeleceremos a permuta.

A INSTRUÇÃO DO SOLDADO

Sob este titulo lê-se nas *Novidades* a carta que se segue:

Sr. REDACTOR:

Permitta-me v. que lhe participe que vou na 4.^a experiencia de ensino litterario aos recrutas da minha companhia. Mas se já o anno passado não fui só, porque me acompanhou o meu collega o sr. capitão Domingos dos Santos Freitas, este anno mais acompanhado vou.

O regimento de infantaria 23 foi sempre inimigo da rotina e dado a empreendimentos e rasgadas iniciativas. Pela ultima reforma do exercito ficou cada batalhão de caçadores com um pelotão de cyclistas. Pois 10 annos antes já o sr. Domingos dos Santos Freitas, então tenente, ensaiou, com excellentes resultados, o cyclismo em infantaria 23. Em 25 de julho de 1892 manobrava uma esquadra de cyclistas, na parada do quartel, diante deante de Sua Magestade El-Rei. Enos exercicios de armas combinadas, em Lancos, em 1893, prestaram os mesmos cyclistas relevantes serviços, como, officialmente, foi reconhecido.

«Pela primeira vez em Portugal foi officialmente experimentada a velocidade militar, e pôde bem dizer-se que o resultado d'essa experiencia excedeu toda a expectativa; os dois velocipedistas, ensinados e treinados pelo tenente Domingos de Freitas, desempenharam todos os serviços que lhes attribuem os regulamentos das nações onde esse serviço se acha ja estabelecido.»

Assim começava, no seu relatório, o general commandante d'aquelles exercicios, quando expunha os serviços prestados pelos cyclistas de infantaria 23.

As mensurações dos recrutas, que são obrigatorias em varios exercitos estrangeiros, tambem o sr. capitão Freitas as vem fazendo, ha annos, na sua companhia.

Não é, pois, de admirar que a rotina fosse de novo batida em infantaria 23 com o ensino litterario por companhias. Oito capitães, dos nove que conta o regimento, assumiram este anno a responsabilidade de ministrar, aos seus recrutas, o ensino das primeiras letras. São elles os srs. Julio de Souza Pereira Girão, Joaquim Maria Ferreira, José da Silveira Bandeira, Boaventura de Noronha, José Ferreira Martins, Domingos dos Santos Freitas, Francisco da Costa Pessoa e o auctor d'estas linhas.

Não tendo a companhia do sr. capitão Girão, nem a do sr. capitão Pessoa, pessoal graduado sufficientemente habilitado para ensinar pelo methodo de João de Deus, que é o methodo adoptado, são os recrutas d'essas companhias ensinados sob a minha direcção, á minha vista, no mesmo local onde eu ensino os meus, embora por dois sargentos, o 2.^o sargento Cruz e o 2.^o sargento Araújo, das respectivas companhias. A data de começar o ensino não havia 1.^o sargento em nenhuma das duas companhias.

No ensino dos recrutas da minha companhia sou effizicamente auxiliado pelo sr. tenente Leopoldo Antunes, pelo 1.^o sargento José de Albuquerque e pelos 2.^{os} sargentos José Ferreira do Amaral e Manuel de Oliveira Leite.

Na 2.^a companhia do 1.^o batalhão começou a ministrar o ensino aos analfabetos o proprio capitão, o sr. Joaquim Maria Ferreira. Infelizmente esse official adoeceu logo, e doente se tem conservado até hoje. Os não analfabetos são ensinados pelo 1.^o sargento José de Oliveira Miranda.

Na 1.^a companhia do 2.^o batalhão é o ensino aos analfabetos ministrado pelo proprio capitão, o sr. José da Silva Bandeira, com o auxilio do 2.^o sargento Alberto de Abreu. Nessa companhia não ha 1.^o sargento.

Na 2.^a companhia ensina os analfabetos o 1.^o sargento Manuel Augusto Pedro, e os não analfabetos o 2.^o sargento João da Costa Garrett, sob a direcção do sr. capitão Noronha.

Na 3.^a companhia ensina os não analfabetos o proprio capitão, sr. José Ferreira Martins, auxiliado pelo 2.^o sargento José Francisco, e os analfabetos o sr. alferes Luiz José da Motta.

Na 1.^a companhia do 3.^o batalhão ensina os não analfabetos o proprio capitão, sr. Domingos dos Santos Freitas, auxiliado pelo sr. alferes Belisario Pimenta, e os analfabetos o 1.^o sargento Carlos Beja da Silva.

Na minha companhia, onde os analfabetos são relativamente numerosos, sou eu que os ensino, auxiliado pelos 2.^{os} sargentos Amaral e Leite. Os não analfabetos são ensinados pelo sr. tenente Antunes e pelo 1.^o sargento Albuquerque.

N'outra carta subsequente fornecerei a v. novas informações. Mas desde já lhe garanto um exito completo se os recrutas não forem licenciados antes de terminada a instrução militar, como succedeu o anno ultimo.

Com a maior consideração

Coimbra.
De v. etc.,
FRANCISCO MANUEL HOMEM CHRISTO

Esta carta foi transcripta pelo *Debate*, pelo *Mundo* e pela *Resistencia*. Este nosso collega prece de a transcripção das palavras que se seguem, que transcrevamos, não obstante parecer vaidade, por termos feito do *Povo de Aveiro* registo fiel de tudo quanto

a imprensa tem publicado e possa publicar relativo á iniciativa do sr. Homem Christo sobre o ensino litterario por companhias no exercito.

A Resistencia agradecemos muito as suas nobres palavras, que, embora sejam justas, representam uma verdadeira gentileza em quem as escreveu.

Ao Mundo e ao Debate tambem agradecemos a larga publicidade sobre assumpto de tanta importancia.

«Transcrevemos das Novidades, pelo interesse que nos merece, a carta que o sr. capitão Homem Christo escreveu a esse jornal, dando conta dos trabalhos de introdução do methodo de João de Deus na escola do regimento de infantaria 23.

Fazemo-lo porque nos é sempre grato applaudir esforços tão persistentes, como os do sr. Homem Christo, para levantar a intellectualidade do povo portuguez, acabando com o analfabetismo, que é, por mais de um motivo, uma das determinantes da ruína do nosso paiz.

E é-nos sobre modo agradável o verificar o facto de que foi n'esta cidade que o sr. capitão Homem Christo encontrou na officialidade do regimento de infantaria 23 os mais dedicados colaboradores.

Só quem conhece bem o desenvolvimento intellectual da gente portugueza do campo, comprehende bem o grau de paciencia, que nobreza de sacrificio, que dedicação patriótica é necessaria para passar longas horas a ensinar quem não sabe nem vêr, nem falar, nem pensar.

Só quem tem visto o sr. Homem Christo na faina de ensinar, aprecia á devida altura, a modificação que se dá na sua voz, que perde o tom duro e secco do commando, para se fazer ouvir doce e tímida, como se uma creança estivesse ensinando outra creança.

O serviço, prestado pelo sr. Homem Christo ao paiz, é tanto mais para louvar que o atrazo do nosso exercito faz com que ainda haja officiaes que pensam que o ideal para o soldado é saber limpar os botões da farda, engraxar com perfeição e ouvir com docilidade os epithetos de burro, ministros pela intellectualidade de cabos instructores.

Felizmente o sr. Homem Christo tem encontrado sempre no exercito quem saiba avaliar a nobreza dos seus esforços.

Para muita gente, ensinar a lêr o soldado é retirar-lo do serviço diligente, dando-lhe aspirações mórbidas, perturbando o sono, que a disciplina traz socegado, com as visualidades de um futuro de cabo de policia.

Ensinar a lêr é tornar indiscreditos os srs. impedidos, que pela leitura do Seculo comprehendem como é facil ser-se jornalista; e ha quem pense que nem mesmo os srs. sargentos deviam saber escrever para não cahirem nas indisciplinas do jornalismo.

Deixando porém a divagação, a que nos deixamos levar pelo prazer com que estamos escrevendo as palavras de sincero louvor, que julgamos de justiça, felicitamos o sr. Homem Christo por ter encontrado na officialidade do regimento de infantaria 23 tão dedicados colaboradores da obra, em que ha tanto tempo trabalhava sem o desfallecimento natural em que n'este paiz se cahe ao vêr os mais nobres intuitos recebidos pelo impenitente sorriso da imbecillidade nacional.

Honra seja a todos.»

TRANSCRIPÇÕES

O Debate tem continuado a transcrever as nossas Cartas de Algueres. O Norte transcreve parte dos nossos dois ultimos artigos de fundo.

Agradecemos.

A CHEGADA DO PATRÃO

Vae ali os demonios por causa da chegada do sr. João Franco, que se realisa hoje á noite, como se sabe. Tem sido uma balburdia, principalmente por causa das toilettes.

O Tinhoso tinha mandado vir uma cabelleira postica, mas parece que lh'a roubou no caminho o João Areias, secretario particular do Mijareta, para a dar ao seu amigo Abilio, o «dr. Cancellala». Não se imagina a afflicção do pobre Tinhoso e dos amigos.

— Na estação está bem, dizia um, escusa de tirar o chapéo. Mas na recepção e no almoço?

— Não vae ao almoço.

— Isso não. O nosso forte é no commercio. Se vamos a cortar os representantes do commercio, quem fica?

Depois de muita discussão, resolveu-se mandar vir nova cabelleira e tomar as providencias precisas para que, d'esta vez, chegue ao seu destino.

Realmente, sem cabelleira a cabeça do homem era um escandalo.

Pobre homem.

O compadre tambem tem passado as noites a scismar por causa do chapéo alto e... das luvas.

O compadre tem uma negação formidavel para usar luvas, como se sabe. Chapéo alto não ha nenhum que lhe fique bem. Como é muito pequenito, a casaca mata-o. De chapéo alto, de casaca e de luvas é homem ao mar.

— E' o verdadeiro liliputiano, dizia um marotão d'um francaceo, n'uma roda de amigos, um dia d'estes.

A camara do commercio chegou a ensaiar o nosso compadre. Mas nem á mão de Deus padre. Compadre não se ageita. Em calçando as luvas é certo que não sabe fazer uso das mãos. Entesa os dedos e fica-se.

— Dé elasticidade a esses dedos, homem, dizia lhe já zangado um membro da camara do commercio.

— Que quer você? Esqueço-me. O habito faz tudo. Não estou habituado a calçar luvas.

— Mas, meu caro amigo, o Domingos de hoje não é o Domingos d'outros tempos. Tenha paciencia. E' preciso que se torne digno da sua nova posição social. Dantes era o Domingos republicano, o Domingos da ralé. Hoje... é hoje. O amigo comprehende.

— Não ha duvida. Mas estas almas do diabo!...

— Ora vamos, dê-lhe um geitinho. E não enterre tanto esse chapéo alto pela cabeça abaixo. E essa casaca? Parece outro, homem! O amigo é pequeno, mas não deixa de ser elegante. Com o diabo da casaca vestida, parece que traz consigo peccado mortal. Olhe que o Jayminho não é mais alto que o amigo. E põe-se bem.

— Eu quero que o Jayminho se... (sabe resmungando). Encontra outro membro da camara do commercio: Então o alma do diabo não me fala no Jayminho?

— Não foi para o melindrar.

— Homem, não gosto de comparações d'essas. Ainda não troco a minha gebice pela elegancia do outro.

Emfim, é o demonio. Ninguém lamenta mais do que nós a falta de elegancia do compadre. Realmente é uma pena.

Telegramma enviado pelo Reles, depois da conferencia de João Franco no Porto:

«Receba o meu entusiasmo delirante. Disponha da minha alma e do meu corpo.»

Na camara do commercio:

— Então que me diz áquillo?

— E' um grande estadista!

— Não ha duvida, conclue o compadre, sentenciando de braços cruzados e olho direito mais cerrado que o esquerdo. O alma do diabo tem lume no olho!

Em cima da ponte:

— Então vae no domingo á noite á estação?

— Eu ia nem que fosse ao inferno, só para vêr o Domingos Leite de chapéo alto, casaca e luvas.

Tem sido muito difficil vencer o Meyrelles a não deitar discurso.

Parece que será o sr. Carlos da Silva Mello Guimarães quem levantará os vivas do estylo.

Consta-nos que o Ché Porco e Manató andam altamente zangados por não terem sido convidados para o almoço ao grande homem.

Realmente foi uma injustiça que se fez aos dois caudilhos que valem mais alguma coisa que o Areias. Entretanto este foi convidado, embora tivesse primeiro que bater o pé ao patrão Mijareta.

Desfeitas d'aquellas não se fazem a ninguem, principalmente a politicos d'aquelle cunho.

Os alfaiates da cidade não teem tido mãos a medir em cortar casacas para os convidados do almoço ao Fervilha.

E como elles não tenham tempo para accudir ás encomendas, telegraphou-se para vir uma remessa de casacas em bom e mau uso que se encontrem pelas casas de prégo do Porto.

Claro está que as casaquinhas serão assoalhadas, escovadinhas e passadas a chá e cuspo antes de entrarem na funçanata. Senão parecer-se-hia a festa com um baile carnavalesco.

Em uma reunião que se effectuou á capucha, alli para os lados do Carmo, resolveu-se que os vivas ao D. João Chegou ao Porto fossem em numero de 15:850, distribuidos pela seguinte forma: Zé da Nona 3:200; Silverinho das Flautas 4:100; Areias 5:500 e Zé Manhanhas 3:050.

O homem deve sair de Aveiro, com certeza, mettido n'um sino, se não fór mettido em mar de... felicidade.

Até a torre do largo Municipal será capaz de se deslocar para lhe dar as despedidas.

A' ultima hora

O «Bruxo» e o «Areias» sempre vão ao almoço.

Carta d'Algueres

Não recebemos esta semana a carta destinada a esta secção.

Recreio Artístico

Como noticiámos n'um dos ultimos numeros, era este anno ferrozmente disputada a eleição dos corpos gerentes do Recreio Artístico. Nesta sociedade operaria nunca deveria entrar a politica. Os homens, porém, que entendem dever levar a perturbação e a desordem a toda a vida local, mimando pela rivalidade e pela intriga todas as collectividades d'esta terra, julgaram conveniente destacar o seu guerrilheiro Mijareta para se apoderar da direcção da sociedade operaria mais importante de Aveiro, que é o Recreio Artístico, e n'esse sentido recotreram a todos os meios, até á publicação de manifestos espalhados na cidade, com o unico proposito de desacreditar entre o grande publico aquella utilissima instituição, por isso que sem outro proposito não se comprehende como se fosse, por meio de manifestos distribuidos na cidade, debater entre muitos o que era d'interesse exclusivo de poucos.

Mas o que é certo é que as cousas são como são e não como elles queriam que ellas fossem. E vá lá mais esse dissaborsinho para a corda do sino.

Foi o diabo atirarem foguetes antes do tempo.

A lista victoriosa é a seguinte:

Assembleia geral

Presidente — Manuel H. de C. Christo
Vice-presidente — Manuel de Lemos J., or
1º secretario — J. Lopes do Casal Moreira
2º secretario — Antonio Nunes Branco

Comissão fiscal

Francisco Meirelles
Cesar Augusto Ferreira
João José Trindade

Direcção

Presidente — José Marques d'Almeida
Vice-presidente — Angelo da Rosa Lima
1º secretario — João Baptista D. Moreira
2º secretario — Antonio Ferreira
Thesoureiro — João Ferreira Felix
Vogaes — J. Pedro Ferreira
« — João Marques de Sousa
« — Francisco Gomes
« — Thomaz Vicente Ferreira.

O QUE VALE O SR. JOÃO FRANCO

Com este titulo lê-se no Norte:

«No Mundo Legal e Judiciario de 25 de dezembro de 1894, escreveu o que vae lêr-se, o bacharel Fernando Martins de Carvalho, então republicano, e hoje metado do cerebro do sr. João Franco:

«Abel de Andrade é incondicional admirador do sr. João Franco, um microscopico espirito de administrador auctoritario que trouxe para a politica do paiz toda a insignificancia intellectual e todo o grotesco despotismo da administração de um concelho. Tem o nosso biographado uma idolatria barbara por esse risivel dictador, que deve porventura ter feito n'um recanto humilde da provincia comteos ensaios de cabsoletismo illustado», tendo sabidas pombalinas a proposito do desabamento de uma barraca de feira, pondo, á lala de Cromwell, escriptos na sala das reuniões de alguma junta de parochia, fazendo, para arremedar Costa Cabral, uma manifestação cartista no pacifico decorrer de um chá em familia, e consultando as obras de Machiavel a proposito de uma galopnagem eleitoral.

Pois Abel de Andrade pela superioridade do seu talento, pela profundidade e lucidez da sua erudição, pelo senso pratico das coisas e das pessoas, vale muito mais do que o minuculo dictador, sua superstição, que parece ter sahido de uma companhia da guarda municipal para o logar que hoje occupa, e que está no governo com a sciencia preparação de um guita, synthetizando firmamente todo o seu saber, todas as convicções no — «São ordens.»

Aqui teem o que vale o sr. João Franco.

Só mudou de parecer o transfuga do partido republicano, quem permaneceu integro foi o ex-ministro de 96.

Não está no poder, porque ainda lhe não dêram ordas, mas espera de seu amo e senhor que lhe sejam transmittidas.

Pelo seu passado mostra que saberá cumpril-as.

UM ALVITRE

Escrevem-nos dizendo-nos que na impossibilidade de se cobrir de lucto amanhã a estatua de José Estevão, por entrar n'esta terra o representante mais genuino da dictadura em Portugal pela mão do filho do grande tribuno, seria bom lembrar a conveniencia d'uma grande manifestação liberal, á noite, no largo municipal, defronte da estatua.

Estranhos a isso, por motivos facéis de perceber, ah! deixamos o alvitre, como nos pedem.

Em nosso poder temos varios originaes a que não damos publicidade por absoluta falta de espaço.

GAZETILHA

Vae Aveiro brevemente Ter a honra, o prazer, De nos braços receber O messias prometido, Dá-lhe um almoço d'arromba De marisco e ovos molles, Meirelles dará aos folles Da republica... fugido.

Anselmo já fez casaca, João Areias dá vivas, Ha luminarias á crivas, Uma festa mijarêta, E á noite, no theatro, Discursos persuasivos Pelos chefes ablativos Cócó, Facada e Reinêta.

Eu penso que o tal messias, Que se julga salvador, D'este paiz do Senhor, P'ra tal coisa não se ageita. Já mostrou quanto valia, E até se diz no Porto Que quem nasceu assim torto Nunca jámais se indireita.

Mas o povo que conhece Do messias a ambição, Faz um gesto e resmunga: — Muda de rumo João...

ZÉ AMANHÃ.

João Franco em Faro

Lê-se n'uma correspondencia de Faro para o nosso collega O Mundo:

«Em Faro tudo se prepara para a entrada triunfal do celebre dictador João Franco. Até na fabrica do sr. Abrahão Aram, se está impondo aos operarios corticeiros o inscreverem-se nos recenseamentos eleitorais, para nas proximas eleições votarem no partido do auctor da infamissima lei de 13 de fevereiro.

Parece que os operarios pensam, caso seja certa a vinda do «messias liberal», a esta cidade, realizar no dia da chegada do grande homem, uma grande reunião de protesto contra a referida lei de 13 de fevereiro.

Pena é que os trabalhadores do resto do paiz, ou, os das terras por onde passe o dispotico bailio, não façam o mesmo.»

CARTA DO PORTO

Precisamente no dia em que fez 14 annos que nos foi arremessado, pela orgulhosa Inglaterra, o infame ultimatum, chegou a esta cidade — cidade do trabalho e da Liberdade, onde já fluctuou a bandeira da Republica — o ho-

man, que nestes ultimos annos, manietou as liberdades publicas.

Algemou a liberdade da imprensa, cerceou a liberdade de reunião, publicou a grande monstruosidade, a que chamam a lei de 13 de fevereiro, teve o desplante de expulsar do paiz Nicolau Salmeron, que para nós é a personificação do civismo, da probidade e da honradez.

João Franco, se chama esse homem e que anda em sessões de propaganda pelo paiz, era esperado na estação de S. Bento por alguns dos seus correligionarios e por alguns republicanos entre os quaes os drs. Maximiano de Lemos e Queiroz e Castro.

Que conceito poderão ter estes republicanos perante os seus correligionarios quando teem a semcerimonia de irem cumprimentar o homem que mais tem combatido os republicanos?

Quem poderá acreditar na propaganda d'estes homens se elles publicamente se confessam ligados a servidores da monarchia?

Continuemos poréa; para a conferencia, que se realisou na ex-Assembléa da Trindade, os convites eram assignados pelos srs. José Novaes, Antonio Pinto de Mesquita e Luiz de Magalhães.

O segundo é aquelle que n'um comicio republicano, effectuado no Palacio de Crystal, entregou aos republicanos, depois de um discurso todo cheio de enthusiasmo, a *immaculada bandeira da cidade*; o terceiro é filho do grande orador e liberal José Estevão I

Causa nojo a fórma como estes individuos conservam as suas convicções e ascendencias!

A conferencia, que se fosse publica muito teria que ouvir o sr. João Franco, assistiram alguns portuenses e muitas pessoas vindas da provincia.

Grande numero de padres se fizeram representar.

O sr. João Franco disse o que todos costumam dizer quando se encontram sem papa. Durante a conferencia, que foi longa, bocejou-se e dormiu-se.

A hora que escrevemos está a realisar-se no Theatro Príncipe Real a sessão gastronomic. A entrada, como na conferencia, é por convites.

Deve ser curioso, no final, os discursos! Os calores alcoolicos deverão produzir oradores soberbos! pyramidaes! Porque é natural, após uma opipara refeição, todos os enthusiasmos são admissiveis.

13-I-904.

A. M.

A' ULTIMA HORA.—Acabamos de ler no *Jornal de Noticias*, que hontem, durante o banquete, foi roubado d'um sobretudo, que um dos convidados tinha n'um camarote, oitenta e tal mil reis.

A' porta do theatro, cuja entrada era feita por convites, achava-se grande numero de policias.

14-1-904

A. M.

PUBLICAÇÕES

Temos ha muitos dias em nosso poder o almanach do *Diario da Tarde*, que não tendo registado a offerta porque o queriamos fazer com mais largueza, para o que, infelizmente, nos tem faltado sempre espaço.

O almanach do *Diario da Tarde* é uma das melhores publicações no seu genero e baratissimo, pois custa apenas 100 reis. Quem conhece o valor da collaboração do brilhante diario portuense avaliará com segurança do valor litterario do *Almanach*.

Agradecemos a offerta que nos foi feita.

Semana Illustrada.—Recebemos o n.º 8. Excelente como sempre. Assigna-se na Rua Paschoal de Mello 133 Lisboa.

Tratado de Contabilidade.—Recebemos as cadernetas n.ºs 21 e 22.

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5\$000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 6\$000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre questões de pedagogia), 1.º vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o methodo de João de Deus, com prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis.

Campo de Flores, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indisciplinavel que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

CONSULTORIO IDENTARIO DE THEOPHILO REIS
 Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
 Extrahê, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras
 R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

BAGAÇOS ALIMENTARES
 VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os annuaes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA
 DA ACREDITADA FABRICA "PFAFF,"
 Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

são estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
 A machina «PFAFF» para alfaiates.
 A machina «PFAFF» para modistas.
 A machina «PFAFF» para sapateiros.
 A machina «PFAFF» para seleiros.
 A machina «PFAFF» para corrieiros.
 A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
 A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
 Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
 Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
 Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remettem gratuitamente.
 Pedidos a

José Maria Simões & Filho
 ANADIA—SANGALHOS

LIVRO COMMERCIAL
 TRATADO DE CONTABILIDADE
 Pelo guarda livros RICARDO DE SA

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Atheneu Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha aproximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO
 POR JOÃO DE MENEZES
 A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.
 Preço 200

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA
 POR ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCCÃO PUBLICA
 PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na CASA EDITORA LIVRARIA AILLAUD
 Rua do Ouro, — 242-1.º LISBOA

ARMAZENS DA BEIRA-MAR
 DE MANUEL GONCALVES MOREIRA
 PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22
 R. DOS MERCADORES, 1 A 5
AVEIRO

D'aqui levarás tudo llo sobre (Luz. Cam.)
Preços fixos VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).
 Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.
 Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes *Clement* e machinas de costura *Memoria*, bem como todos os accessorios para as mesmas.
 Lonças de porcelana, quinquilharas, bijouterias, perfumarias (importação directa).
 Flores artificiaes e corças funerarias.
 Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviamencommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO
 75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79